



TENTAÇÕES DE SAPATEIRO: UMA NOVA ABORDAGEM SOBRE HISTÓRIA E FICÇÃO EM JOSÉ SARAMAGO (2023)

[10.29073/naus.v4i1.868](https://doi.org/10.29073/naus.v4i1.868)

RECEÇÃO: 17 de dezembro de 2023.

APROVAÇÃO: 17 de dezembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 30 de dezembro de 2023.

AUTOR/A: Denise Lima , Universidade Estadual do Ceará, Brasil, denise.noronha@uece.br.

Os leitores de José Saramago estão familiarizados com o trânsito entre ficção e História que permeia praticamente toda a sua obra, de forma mais ou menos evidente a depender do tema central abordado pelo escritor. Esse facto também explica o numeroso acervo de trabalhos académicos, mormente na área de investigação literária, que elegem como objeto de pesquisa o diálogo entre aquelas duas esferas de percepção e representação do mundo.

De um modo geral, a linguagem desses textos costuma moldar-se à objetividade que a sua abordagem de natureza científica exige. Não é o caso, no entanto, do livro que o escritor Dércio Braúna acaba de lançar, fruto da sua tese de doutoramento em História pela Universidade Federal do Ceará (Brasil). Com o mesmo rigor e sofisticação com que tece os seus poemas e contos, o autor imprimiu na escrita deste texto — que tem como cerne a “nutrição mútua” que pode haver “entre operação ficcional e operação historiográfica” (Braúna, 2023, p. 14) — marcas da linguagem poética que revelam a sua forma de pensar a História e a Literatura. É uma característica relevante que, no entanto, não retira o mérito criterioso da sua pesquisa. Dá-lhe, por outro lado, uma fluidez e mesmo uma leveza que torna a leitura bastante agradável, para além da sua riqueza informativa e analítica.

Exemplo da linguagem poética já se encontra na ambiguidade do título. Partindo da conhecida máxima de Apeles (“Não suba o sapateiro acima da chinela”), a qual repreende aquele que ousa opinar sobre algo que desconhece, as *Tentações de Sapateiro* podem dirigir-se tanto à atitude do escritor português ao fazer da sua obra literária uma releitura da História, quanto à proposta do historiador brasileiro de “fazer história dessa ficção revisora” (Braúna, 2023, p. 27), que é o romance *História do Cerco de Lisboa*, publicado por José Saramago em 1989.

O historiador-poeta dividiu o seu percurso em doze capítulos, além de uma introdução e um epílogo, cujos títulos também acenam para a permeabilidade da história pela literatura. São eles: Paisagem com inundação; “Como um grande e convulso mar”; *Opus me*: ensaio à procura de uma história; O tempo da permeabilidade; A trama cruzou-se com a urdidura; Cabeça de Sócrates, linhas de Marx; “E como nos entenderemos nós?”; “A vítima inocente”; O perigo da “autoridade magistral”; “Talvez se levantássemos este empedrado”; As “ficções de método” de uma história nova; Livros com uma pessoa dentro; E se em 2047...: o “passado prático” da história; E ainda respira uma sombra. Como o autor explica na introdução, utilizando a analogia das várias portas da cerca moura em torno da Lisboa medieval, os capítulos têm uma certa autonomia que permite ao leitor escolher por qual deles começar, pois todas as entradas têm a mesma finalidade, que é a de compreender a operação ficcional de Saramago em seu cerco da história.

Acrescente-se, na composição paratextual do livro, o “Posfácio com algumas implicâncias”, escrito pelo Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos, que orientou a tese da qual se origina o livro. Além disso, o volume apresenta no final uma secção de comentários às notas de rodapé de algumas páginas, cuja vantagem é a de ampliar as informações dadas por elas sem intumescer o corpo do texto. Merecem destaque, ainda, algumas dezenas de fotografias que ilustram a argumentação do autor e complementam a sua escrita de forma muito natural.



Fundamentado em estudos de Michel de Certeau, Georges Duby, Jacques Rancière, R. G. Collingwood, Jacques Derrida e Hayden White, para citar algumas das principais fontes utilizadas, além de ficcionistas como Gonçalo M. Tavares, muito oportuno para a abordagem proposta, o autor examina a concepção de romance e de história para Saramago, e dessas duas formas de escrita do passado, destaca alguns métodos — como as digressões e os anacronismos — que, especialmente em *História do Cerco de Lisboa*, servem o propósito do romancista de questionar o absolutismo da chamada “verdade histórica”.

Investigando a origem desse romance saramaguiano, Dércio Braúna resgata o livro que teria motivado a ficção que tem como protagonista o revisor Raimundo Silva. Trata-se de *O cerco de Lisboa de 1147*: narrativa do glorioso feito conforme os documentos coevos, publicado em 1938 pela Câmara Municipal de Lisboa, da autoria do pouco conhecido historiador José Augusto de Oliveira. É ele a “vítima inocente”, no dizer de Saramago, do “Não” que o revisor propositadamente inclui na frase segundo a qual os cruzados ajudaram os portugueses a tomarem Lisboa dos mouros. A partir dessa negativa, feita a uma espécie de versão oficial, uma nova história precisa ser contada.

O cerco de Dércio Braúna parte, pois, do “Não” de Saramago. E assim como o romancista, que gostava que seus leitores pensassem de seus livros que eles “carregam uma pessoa dentro”, o eu do historiador brasileiro se faz sentir nas suas *Tentações de Sapateiro*, o que aproxima o leitor tanto da história como daquele que a escreve.

REFERÊNCIAS

Braúna, D. (2023). *Tentações de Sapateiro: o cerco da história na operação ficcional de José Saramago*.

DECLARAÇÃO ÉTICA

CONFLITO DE INTERESSE: Nada a declarar. FINANCIAMENTO: Nada a declarar.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.